



PRÁTICAS DE LEITURA COMO FORMA DE INTOLERÂNCIA: O FINAL FELIZ DO *PATINHO FEIO* EM XEQUE

Tatiana Alves de Melo Valério¹

João Roberto Ratis Tenório da Silva²

Maria C. D. P. Lyra³

tatiana.valerio@belojardim.ifpe.edu.br

Resumo

Para Psicologia Cultural Semiótica, o nosso sistema psicológico está configurado para fazermos *distinção carregada de valor* no processo de construção de significados (VALSINER, 2007). Nesse estudo, especificamente, tratamos de valores atribuídos à valoração “do outro” como diferente de mim. Valores positivos ou negativos levam à evocação de possibilidades de ação. Se negativos, surgem três estratégias para lidar com essa valoração: *intolerância eliminativa*, *intolerância assimilativa* e *tolerância*. Buscamos discutir as formas de intolerância presentes em um reconto da história infantil *O Patinho Feito*, contribuindo para uma reflexão sobre como a prática de leitura, especificamente deste conto, pode reforçar formas de intolerância, no presente caso, ancoradas no processo de significação de distinções perceptuais nas relações humanas. O “final feliz” é o foco de análise, revelando a presença da estratégia de ação de *intolerância eliminativa* (resultante da valoração negativa em relação à diferença), que atravessa o enredo do conto. Dessa forma, essa interpretação – tolerância eliminativa - afasta a tolerância ou aceitação, assumindo a forma de um final feliz. Sugestões de reflexão para o trabalho da prática de leitura do conto *O Patinho Feio* (aplicáveis a outras histórias infantis) são feitas aos professores e contadores de história (pais, cuidadores, etc.), na busca do reconhecimento, promoção e valoração positiva da diferença.

Palavras-chave: histórias infantis; intolerância; O Patinho Feio; Psicologia Cultural Semiótica; tolerância.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFPE – Campus Belo Jardim

² Universidade Federal de Pernambuco – UFPE - Centro Acadêmico do Agreste

³ Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Introdução

A partir do conto infantil “*O Patinho feio*”, do Dinamarquês Hans Christian Andersen (publicado pela primeira vez em 1843), discutimos nesse trabalho, como uma atividade escolar – a prática de leitura – pode revelar tipos de intolerância, encobertos por uma pseudoaceitação, evidenciada no desfecho da história. Assim, aquele que passou a história inteira sofrendo discriminação por ser diferente não é aceito tal como é, na sua diferença. O final feliz do cisne que não era pato é nosso objeto de investigação.

Filiamo-nos à abordagem da Psicologia Cultural Semiótica (Valsiner, 2012, 2014), especificamente à noção de “distinção carregada de valor” (Valsiner, 2012). Esta pode se manifestar como *intolerância eliminativa* (o outro se transforma em alvo de eliminação ou de segregação), como *intolerância assimilativa* (transformar a diferença no outro para igualá-lo um igual, e, assim, tornar favorável aquilo que era desfavorável no outro) e a *tolerância* (a eliminação do contraste entre os diferentes A e B). Ainda assim, comparações são feitas, mas se evitando cuidadosamente valorá-las. “A tolerância advém de desconectar a valoração e a detecção das diferenças” (p.114), não sendo esta similar à aceitação, como discutiremos nos resultados. Essas são estratégias de ação que decorrem dos processos construtivos de valoração negativa.

O Patinho Feio experienciou situações de discriminação por ser diferente dos demais. Todavia, como terminou a natureza de sua aceitação contida no final feliz da história? A partir desse entendimento, propusemo-nos a discutir como a prática pedagógica, especificamente a prática de leitura do conto *O Patinho Feio*, na escola ou em ambientes com atividade dirigida, pode ser entendida como parte integrante do sistema de valores que regulam as pessoas. Essa regulação se dá através de controle redundante de mensagens, que “nos sistemas psicológicos humanos podem operar com uma estabilidade relativamente alta dentro de condições ambientais que mudam constantemente” (Valsiner, 2012, p.52).

O controle redundante pode ser definido com o conjunto de mensagens que circula na sociedade, distribuídas através de histórias infantis, mitos, filmes, propagandas, rituais, propostas educativas (formais e informais), entre outras. Por exemplo, considere como o valor cultural “respeito à diferença” pode ser estabelecido no mundo de uma pessoa em desenvolvimento. Segundo Valsiner (2012), tanto os agentes potenciais envolvidos (membros da família; professores, colegas da escola, etc.), quanto arenas (escola, shopping center, igreja, etc.) para promoção desse valor e situações experienciadas

positivamente (pessoas convivendo respeitosamente com pessoas de outras raças) ou negativamente (ver um grupo de adolescentes espancando alguém que é diferente deles e o trauma de ver tal cena) podem variar, mas o controle para manutenção de tais valores vai ocorrer. No que concerne particularmente ao conto do *Patinho Feio*, além da presença de diversas formas de intolerância, é apresentada uma pseudoaceitação, amplamente significada e divulgada como aceitação.

Nosso objetivo, neste trabalho, foi discutir as formas de intolerância presentes no conto infantil *O Patinho Feito*, contribuindo para uma reflexão sobre práticas de leitura que levem ao reconhecimento, promoção e valorização positiva da diferença.

Método

Buscamos identificar, em uma das versões brasileiras, do conto infantil *O Patinho Feio* (Rios, 2009), os excertos que apresentam as estratégias de ação advindas da valorização negativa da distinção perceptual do outro que é diferente. A análise foi interpretativa, realizada à luz do referencial teórico anteriormente apresentado, discutindo como as práticas de leitura podem promover situações que fortalecem valores culturais negativos, que favorecem a intolerância à diferença.

Resultados e Discussão

O Patinho Feio, no final do conto, encontra a felicidade, pois, se insere num grupo de cisnes, passa a ser considerado o mais belo entre seus novos companheiros e deixa para traz o rótulo de ser feio – a diferença que tanto o colocou em situações de intolerância. Um final feliz possível para o *Patinho Feio*, na época em que o conto originalmente foi escrito. Passaremos a analisar algumas questões acerca da história dessa ave, focando principalmente no seu desfecho: a pseudoaceitação.

A aceitação é o resultado de uma valorização positiva no campo perceptual das distinções em relação ao outro. A aceitação no desfecho do conto ocorreu pelos cisnes, ou seja, por animais iguais ao “patinho feio”, e não por outros animais que eram diferentes dele e o rejeitaram. As formas de intolerância experienciadas pelo Patinho Feio não foram transformadas. O Patinho Feio foi aceito apenas quando encontrou seus iguais, assim, a mensagem de aceitação no final da história remete à outra mensagem: “eu não posso ser diferente, tenho que ser igual aos outros para, então, ser aceito”. Essa mensagem, somada a tantas outras que circulam na sociedade revelando a intolerância aos diferentes (índio

queimado vivo; tipo único de configuração familiar retratada no livro didático; ausência de intérpretes de Libras nos centros de compra; negação da parentalidade adotiva; entre tantas outras) atuam como um sistema de controle redundante de mensagem – neste caso, de discriminação e preconceito – na internalização de reconstruções de valores, crenças, mitos e preconceitos que ocorrem nos processos de construção de significados pessoais.

Diante da distinção e da atribuição de uma valoração negativa em relação ao Patinho Feio, chamamos a atenção para utilização da estratégia de *intolerância eliminativa*, que atravessa todo o enredo do conto. A fuga do Patinho Feio em meio a tantos maus tratos em sua comunidade, e todas as outras situações de intolerância experienciadas por ele, revelam que aqueles que o viram como diferente lograram êxito na estratégia de ação utilizada: eliminar ou segregar aquilo que é desfavorável. A eliminação pode ocorrer também, não em relação ao outro em sua totalidade, mas em relação a algo específico. Valério & Lyra (2014) analisaram como um membro da família extensa de crianças adotadas construía significados pessoais sobre a adoção das sobrinhas. O resultado revelou que a tia eliminava a condição adotiva das sobrinhas, substituindo essa forma de filiação por fatores ligados à filiação biológica, como podemos observar nas seguintes falas da tia: “Como se fosse uma criança que nasceu daquela família mesmo”, “Como se ela tivesse sido gerada no meio da família”, “Tudo perfeito como se fosse uma família biológica mesmo” (p.722). Nesse caso, a parentalidade adotiva foi o alvo de eliminação, não as crianças, e, assim, a tia pode construir sua afetividade pelas sobrinhas.

Selecionamos do reconto da história utilizada nessa investigação (Rios, 2009), algumas das falas de personagens que revelam a intolerância eliminativa:

- a) “Esse ovo é grande! Parece um ovo de perua. Se eu fosse você, desistiria dele. Os perus não gostam de água, e é difícil ensina-los a nadar” (p.7).
- b) “Ele nadava muito bem, mas isso não era suficiente para merecer o amor dos outros animais” (p.11).
- c) “Tudo bem, mas amanhã bem cedo você terá que ir embora!” (dito pelos patos selvagens”(p.13).
- d) “Então vá-se embora, suma daqui! Além de ser feio, você não presta para nada” (p.14).

O nosso sistema psicológico é configurado para fazer distinções (Valsiner, 2012), e nesse processo atribuímos valores ao “outro”, podendo ser uma valoração positiva, neutra ou negativa. Para as duas primeiras, não há necessidade de considerar interferência ou estratégia de ação. Entretanto, para última, três estratégias de ação podem ocorrer como discutidas anteriormente.

Os excertos acima revelam a detecção das diferenças e valoração negativa da distinção, percebidas pelos outros animais em relação ao pato que nascera. Decorre dessa atribuição de valor negativo a intolerância eliminativa. Esse processo de valoração de distinções é sempre dinâmico e, no que concerne às práticas de leitura, requer do professor ou contador de história, uma compreensão para além do suposto “final feliz”.

Nosso trabalho buscou discutir as formas de intolerância presentes no conto infantil *O Patinho Feito*, contribuindo para uma reflexão sobre como a prática de leitura deste conto, especificamente, pode reforçar formas de intolerância que são disseminadas na cultura coletiva, se apenas o encontro entre os cisnes for apresentado aos leitores – e por eles internalizado – como solução para experiências de intolerância. A mensagem de tais experiências negativas participa também dos processos de construção de significados pessoais dos leitores sobre *diferença*. Os professores e contadores de histórias devem buscar formas de trabalhar com o conto e suas mensagens, que levem ao reconhecimento, promoção e valorização positiva da diferença.

Considerações Finais

As histórias infantis são elementos culturais de disseminação de mensagens do sistema de controle redundante. Logo, a ação pedagógica na prática de leitura pode assumir o papel de manutenção da cultura (reproduzindo a cada leitura do livro a ênfase da intolerância eliminativa e a pseudoaceitação) ou de sua transformação (quebrando a resistência desses controles e mudando a ordem social). No conto do *Patinho Feio*, a tolerância que seria, por exemplo, os demais animais – sabendo que a família via o patinho como um dos seus membros – estabeleceriam uma convivência tolerante, que não significa aceitação. Continuaría sendo uma estratégia de valoração negativa.

É muito importante destacar que a tolerância não é similar à aceitação. “Pelo contrário, é uma supercompensação pela valoração negativa, e pode facilmente reverter-se nas outras estratégias” (Valsiner, 2012, p.144). O que mantém a tolerância são as normas ou direitos constitucionalizados que proíbem qualquer forma de intolerância. Ou seja, a distinção “no domínio público pode ser tolerada (p.ex., “você tem seus direitos, separados dos meus”), sendo ao mesmo tempo negada no domínio privado (“você pode ter tais direitos, mas de qualquer forma eu odeio você”)” (Valsiner, 2012, p.115). A aceitação advém de uma valoração positiva. Neste caso, o conto traz uma oportunidade para se questionar a atitude discriminatória sofrida pelo Patinho e como outra história

poderia ser, de fato, construída para a aceitação do diferente naquela família de patos. A temática da adoção, como forma autêntica de parentalidade, sinaliza um caminho para um trabalho pedagógico de reconhecimento e valorização da adoção e da diferença.

A partir dos achados desse trabalho, a prática de leitura voltada a uma possível mudança de significados pessoais relativos à discriminação ou preconceito deve buscar uma reflexão sobre as mensagens de intolerância presentes nas histórias infantis, como no conto *O Patinho Feio*, e não apenas nos finais felizes.

Referências.

RIOS, Sâmia. **O Patinho Feio**/ Reconto de Sâmia Rios a partir do reconto original de Hans Chistian Andersen; ilustrado por Roberto Weigand – São Paulo: Scipione, 2009.

VALSINER, J. **Fundamentos da Psicologia Cultural. Mundos da mente, mundos da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VALSINER, J. Valsiner, J. **An invitation to Cultural Psychology**. London: Sage, 2014.

VALÉRIO, T. A. M. & LYRA, M. C. D. P. A construção cultural de significados sobre adoção: um processo semiótico. **Psicologia & Sociedade**, 26(3), 716-725, set-dez, 2014. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n3/a20v26n3.pdf>>. Acesso em 01 out. 2014.